



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

SUBJUNTIVIVITE

Marcos Roberto Inhauser

Não sou gramático e nem tenho desejo de sê-lo. Aprendi às duras penas o português que manejo. Sofri para aprender a conjugação dos verbos. Fui aluno rebelde, que o digam meus professores, especialmente o Alexandre, que o chamávamos de Xandão. Se há uma coisa que ele me obrigou a aprender foi a conjugação dos verbos, uma vez que, em todas as aulas, me chamava para a prova oral.

Mais tarde, quando tive que me virar com o inglês, ouvi certa feita de uma professora que o subjuntivo no idioma inglês é pobre e que o português e espanhol o tem muito desenvolvido e que uma das grandes dificuldades de quem fala inglês e estuda português e espanhol é entender as nuances do subjuntivo.

Ultimamente tenho me sentido agredido nos ouvidos e no meu orgulho de lusofalante, ao ouvir pérolas subjuntivas proferidas por repórteres da televisão e rádio. Lembro-me de já haver ouvido mais de uma vez as expressões “se eu manter”, “se ele manter”, “se eles manterem”, “se eu ver”, “que eu posso”, “se eu ir”, entre outras.

Neste final de semana o Fantástico trouxe à tona algo que muitos de nós já sabemos há tempos: a deterioração do nível de leitura/compreensão dos nossos alunos, aliado a sérios problemas de grafia, citando exemplo de “trousse”, “meio hambiente”, “axo”. Professor há mais de 30 anos, sempre ensinando disciplinas que envolvem abstração e nível conceitual, venho notando a rápida e acentuada deterioração nos níveis de compreensão dos textos lidos, na capacidade argumentativa e, como não poderia deixar de ser, na redação com clareza e sentido. Aliado a isto, os erros crassos de grafia: essessão, apocalípice, “que a vontade de Deus seja feita”, sexso, figura anjelica, depravassão, você, “que o Senhor possas”, etc.

No meio religioso evangélico há ainda outro problema: as orações, quase sempre são feitas na segunda pessoa do singular ou plural e a conjugação vai para o espaço, especialmente quando “vós” é usado. Por se tratar de um tratamento respeitoso, muitos acham o máximo se referir a Deus como vós, mas o atropelam na conjugação: “nós nos achegamos à vossa presença para vos pedir que o Senhor possa nos dar paz”. Igual problema se vê em muitos cânticos onde se joga intercambiavelmente o “seu e teu”, “sua e tua”, “ele, tu e vós”.

Voltando ao subjuntivo, padecemos hoje de uma subjuntivite, doença crônica de língua materna. Aliada ao gerundismo dos atendimentos ao cliente, a nossa língua está de matar ou de morrer.

E eu que não sou gramático sofro, fico a imaginar quem tem ouvidos mais apurados que o meu.